

Organização

CITCEM/FLUP

Comissão Científica

Comissão Executiva do CITCEM

Comissão organizadora

Carla Sequeira

Joana Sequeira

Secretariado

Inês Rebanda Coelho

Contactos

CITCEM/FLUP

Tlf: 226 077 177

E-mail: oi.citcem@gmail.com

citcem@letras.up.pt

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM têm como principal objectivo o debate, alargado e transdisciplinar, de problemáticas de investigação, no sentido de cruzar questões teóricas e metodológicas e resultados de pesquisa.

As *Oficinas de Investigação* do CITCEM constituem, por isso, um espaço de divulgação e discussão regular de projectos de investigação individuais (teses de mestrado ou doutoramento, projectos de pós-doc, etc.) ou colectivos, dos investigadores e colaboradores do CITCEM, podendo associar investigadores de outros centros ou universidades nacionais e/ou estrangeiras.



Entrada Livre

<https://oi.citcem.wixsite.com/oficinascitcem>

OFICINAS DE INVESTIGAÇÃO CITCEM 20/21

SESSÃO 11

[15.01.21 • 14h30]

Proponente da sessão
Arrizete Costa

«**História Ambiental:
Biodiversidade e bens
comuns**»



Em directo no canal YouTube do CITCEM FLUP:

<https://www.youtube.com/channel/UC2Ia8syabdh1bO6-fCgOnIA>

PROGRAMA

- 14h30** *Historiografia Ambiental: apontamentos epistemológicos, éticos e estéticos* | Arrizete Costa
- 14h50** *Os hunikuin do Rio Jordão: uma cosmopolítica amazônica* | Clayton Silva
- 15h10** *Áreas Protegidas: arranjos comunitários e uso sustentável de recursos naturais* | João Campos-Silva
- 15h30** *Assets naturais e bem-estar social na APA Costa dos Corais/Alagoas/Brasil* | Norah Costa Gamarra
- 15h50** *História, Cultura e Meio ambiente: a filmografia sobre os estuários atlânticos no Brasil e a sustentabilidade ecológica* | Roseane Monteiro Virginio
- 16h10** Debate

NOTAS BIOGRÁFICAS E RESUMOS

ARRIZETE C. L. COSTA é professora da Universidade Federal de Alagoas-Brasil. Leciona e dedica-se aos campos de estudos relacionados à Epistemologia da História: Teoria da História, Metodologia da História e História da Historiografia. Atua prioritariamente no domínio dos estudos sobre a produção, criação e reprodução das ideias contemporâneas, escrita da história e história ambiental. É líder do Grupo de Pesquisa: Documento, Imagens e Narrativas - GPDIN/UFAL/CNPq. É colaboradora do Grupo de investigação Valores de Transação/Valores em Transição do CITCEM/Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Portugal.

Historiografia Ambiental: apontamentos epistemológicos, éticos e estéticos

A presente reflexão de natureza exploratória insere-se no campo da História Ambiental e está fundamentada em três níveis constitutivos do seu fazer historiográfico: 1. No nível epistemológico inquirimos sobre a conformação de categorias conceituais indicativas do logos da História, orientada pela racionalidade instrumental do capital, que nos legou uma crise socioambiental com resultados devastadores para a vida do planeta, contrapondo-lhes o paradigma da complexidade ambiental e do diálogo de saberes. 2. No nível ético examinamos os indícios da crise moral das instituições econômicas, políticas e jurídicas privatistas, confrontando-os com a ética da sustentabilidade do ser, do tempo e do bem comum, tendo em vista a qualidade de vida para as gerações presentes e futuras. No nível estético traço veredas da sensibilidade ecológica no contexto da contemporaneidade cuja relação natureza-cultura potencializa a criação de experiências históricas coletivas de equidade e de narrativas emancipatórias.

CLAYTON RODRIGUES FRANÇA SILVA. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, usa o campo da antropologia da natureza e da etnografia multiespécie para pensar as dinâmicas ecológicas entre humanos e não humanos. Trabalhou com indígenas da Amazônia na tese intitulada "KATSA WAA - HABIA KEYU RETXE KI

HIWEABU - Ensaio e memórias sobre o entrelaçar da vida entre os hunikuin do Rio Jordão". Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente/UFPA (2013). Autor da dissertação de mestrado intitulada "Dos Jardins à Proteção da Biodiversidade Planetária: as ações de proteção das sementes crioulas em uma experiência na Índia, França e Brasil". Especialização em Gestão Ambiental e Sustentabilidade - CESMAC/FEJAL. Membro do grupo de pesquisa: Núcleo de Estudos da Complexidade - Complexus - PUC/SP, na linha Itinerários intelectuais, multiplicidades culturais e transdisciplinaridade.

Os hunikuin do Rio Jordão: uma cosmopolítica amazônica

Os povos ameríndios estão em relação de interdependência com o seu entorno há mais de 11 mil anos, ao que revela sua cosmologia com os seus mitos e causos, bem como diversas pesquisas no campo da arqueologia amazônica, que ainda, demonstram que a floresta que conhecemos é antropogênica, ou seja, foi manejada por eles. Os hunikuin possuem um arcabouço político que perpassa as necessidades e os modos de vida de sua "sociedade humana", desenvolvendo uma tessitura de práticas ecológicas e políticas com a alteridade, para além dos humanos. Nesta conversa, irei falar um pouco das cosmopolíticas que envolvem o povo hunikuin com os outros seres, com quem cultivam relações: plantas, espíritos e outros animais.

JOÃO VITOR CAMPOS-SILVA. Biólogo e Dr. em Ecologia, trabalha com ecologia tropical, áreas protegidas, uso de recursos naturais e arranjos participativos de conservação que tentam integrar proteção da biodiversidade e bem-estar de comunidades tradicionais na Amazônia e na costa brasileira. É pesquisador associado da Universidade Federal de Alagoas e do Instituto Nacional de pesquisas da Amazônia. É também diretor do Instituto Juruá, uma organização não governamental criada para pensar e implementar novos modelos de desenvolvimento na Amazônia, pautados sobretudo no empoderamento de comunidades rurais e integração entre o conhecimento local e científico (www.institutojuru.org.br).

Áreas Protegidas: arranjos comunitários e uso sustentável de recursos naturais

Novos caminhos que reconciliem o bem-estar humano e a conservação da biodiversidade são imperativos para as sociedades contemporâneas, especialmente nos países tropicais em desenvolvimento frequentemente imersos em grande desigualdade social. Nesta palestra irei abordar um caso de sucesso na Amazônia brasileira, usando dados de mais de 100 comunidades locais ao longo de uma seção de 2.000 km de um grande rio amazônico. As Áreas Protegidas representam grandes triunfos da conservação, onde as próprias comunidades locais estabeleceram programas de sucesso de conservação e manejo dos recursos naturais. Irei abordar os benefícios sociais e ecológicos desse arranjo participativo, discutindo os princípios ecológicos, sociais e institucionais necessários para catalisar programas como esse em maiores escalas. Nossos resultados demonstram que o empoderamento de comunidades locais é uma das estratégias mais eficientes para assegurar a proteção das florestas e o desenvolvimento local.

NORAH COSTA GAMARRA. Bióloga e Doutoranda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas/Brasil, com ênfase em Biodiversidade e Conservação. Desde o mestrado trabalha com uma abordagem de assets de Áreas Protegidas e os valores associados a gestão de assets. Hoje, em seu doutoramento busca aplicar uma perspectiva de rede de assets como contributo para o desenvolvimento social de Áreas Protegidas de Uso Sustentável. É

integrante do grupo de pesquisa e Laboratório de Conservação no Século 21 da UFAL, onde participa de pesquisas com conservação, gestão, resiliência de Áreas Protegidas e sistemas socioecológicos.

Assets naturais e bem-estar social na APA Costa dos Corais/Alagoas/Brasil

Embora seja inquestionável os benefícios das Áreas Protegidas (APs) para conservação da natureza, os benefícios sociais promovidos por elas ainda geram discussão. Pois, o bem-estar social das populações que vivem dentro e nos limites de APs é fundamental para sua gestão, já que interfere diretamente no acesso/uso dos recursos, diálogo e apoio social. Pensando no acesso aos benefícios socioecológicos que podem ser gerados pelas APs, apresentarei uma abordagem fundamentada nos recursos dessas áreas, aqui referidos como assets biofísicos, humanos, infraestruturais, institucionais e culturais, que quando manejados, são capazes de promover a ampliação de valores para além da conservação da natureza, e contarei minha experiência na Área de Proteção Ambiental Costa dos Corais, no nordeste brasileiro, a partir de idas a campo, entrevistas e reuniões com a comunidade e gestores e dados das pesquisas que vem sendo desenvolvidas pelos projetos da Universidade Federal de Alagoas na área.

ROSEANE MONTEIRO VIRGINIO. É mestre em História pela Universidade Federal de Alagoas/Brasil. Pesquisa sobre a relação cinema, história e meio ambiente. É membro do grupo de pesquisa Documento, Imagens e Narrativa - GPDIN/CNPQ/UFAL. Atua no campo da escrita de textos, críticas cinematográficas e coberturas de Mostras e Festivais. Acrescentam-se os trabalhos de produção, curadoria e montagem de mostras cinematográficas. Além de pesquisadora, é realizadora em audiovisual e cineclubista (Mirante Cineclub). Atualmente dedica-se à criação de documentários, ao ensino e a investigação sobre a relação cinema-história-meio ambiente nos documentários brasileiros.

História, Cultura e Meio ambiente: a filmografia sobre os estuários atlânticos no Brasil e a sustentabilidade ecológica.

Esta comunicação cria diálogos entre a História e o Meio Ambiente mediada pela cultura fílmica. A partir das fontes audiovisuais – Papa Sururu, 1989, de Celso Brandão; O Velho e a Lagoa, 2009, de Márcio Nascimento e Maré, 2018, de Amaranta César – interpretadas pelo método microanalítico, decodificamos os planos cinematográficos, os tempos e condições de produção dos filmes documentais, assim como os indícios da cultura material e imaterial dos trabalhadores que habitam os lugares denominados de "enxuto-molhado" ou "manguezais" dos estuários atlânticos do Nordeste do Brasil. Seus recursos naturais têm sido alvo da superexploração por parte de empresas capitalistas e órgãos governamentais, portanto, visamos construir uma narrativa histórica – das experiências na perspectiva "vista de baixo" a partir dos testemunhos oculares – que permita evidenciarmos as duráveis e sustentáveis relações interativas entre humanos e ambiente e contribuir para salvaguardar os bens comuns dessas comunidades.